



## **DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Nathália dos Santos Ogawa<sup>1</sup>; Lourdes M. G. Conde Feitosa<sup>2</sup>; Cesar de Souza Mesquita<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de História do Centro Universitário Sagrado Coração – Unisagrado

<sup>2</sup>Professora Orientadora do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de História, Centro Universitário Sagrado Coração – Unisagrado, Bauru-SP

<sup>3</sup>Professor Preceptor do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto de História, Professor Especialista em História, EMEF Lydia Alexandrina Nava Cury, Bauru-SP

### **RESUMO**

Este relato integra o projeto História Local da Residência Pedagógica em História do Centro Universitário Sagrado Coração – Bauru/SP, financiado pela CAPES e orientado pela Profa. Dra. Lourdes M. G. C. Feitosa e pelo professor preceptor Cesar S. Mesquita. Desenvolvido com os alunos do 8ºB da escola Lydia Alexandrina Nava Cury, de Bauru (SP), o projeto aborda as representações dos povos indígenas brasileiros desde a chegada dos europeus até meados do século XX. O presente relato destaca as vivências durante a aplicação da proposta acerca das representações indígenas brasileiras nas aulas de História, com o objetivo de identificar e analisar, mediante fontes textuais e iconográficas, as formas de apresentação dos povos nativos no processo de ocupação dos colonizadores no centro-oeste paulista e no Brasil, e pela ótica dos próprios indígenas. A metodologia adotada engloba a análise e interpretação de fontes históricas, discussões dos conceitos de "apropriação cultural", "representatividade" e "representação indígena", visitas técnicas à Reserva Indígena de Araribá e ao acervo do Núcleo de Pesquisa e História (NUPHIS) do Unisagrado, além de palestras e análises documentais sobre a história de Bauru e região, destacando os povos originários Kaingang, Oti e Guarani. Os resultados indicam uma concepção estereotipada dos indígenas entre os estudantes, no entanto, os trabalhos realizados permitiram desconstruir esses estigmas, promovendo o reconhecimento da diversidade e valorização dos povos nativos. Como conclusão, os alunos realizaram uma exposição física sobre os povos originários locais, sua história e realidade, abordando criticamente a perspectiva eurocêntrica no imaginário brasileiro.

**Palavras-chave:** Representação indígena, História, Fontes históricas, Residência Pedagógica.

### **INTRODUÇÃO**

Este relato apresenta as vivências com estudantes do 8º ano em 2023, durante a implementação do projeto que aborda a relevância do estudo da representação indígena na história em âmbito local e nacional. Este projeto, inserido no Programa Residência



Pedagógica, tem como objetivo transcender os desafios presentes no ensino dos povos originários na educação brasileira.

A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

Apesar da obrigatoriedade, estabelecida pela Lei 11.645/2008, de incluir o ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena, a representação dos povos indígenas em livros didáticos, artes plásticas e meios de comunicação ainda se encontra restrita e frequentemente permeada por visões distorcidas e estereotipadas. Após séculos de narrativas históricas delineadas pela perspectiva não indígena, torna-se imperativo aproximar da realidade dos estudantes a promoção do estudo da História e História Local com as representações dos povos originários ao longo do tempo, tanto pela visão do "colonizador" quanto pela perspectiva dos próprios nativos, no contexto da formação do Brasil e na fundação das cidades.

A complexidade deste projeto reside na análise das construções da representação dos povos originários pelos europeus e colonizadores não indígenas desde os primórdios da colonização. Essas representações contribuíram para a formação de um imaginário distorcido, que deslegitima o papel do indígena na construção da história e identidade nacional. O desafio é refletir de que maneira essas construções contribuíram para a criação de uma identidade eurocêntrica, desconsiderando a significativa contribuição destes povos na formação da história, cultura e identidade brasileira. Conforme Oliveira (1998, *apud* Correia; Maia, 2021, p. 2):

A visão dos povos indígenas como selvagens contribuiu para a relação de desigualdade e dependência a que tais grupos foram submetidos pelos colonizadores e, em seguida, pela sociedade "branca", que lhe atribuiu ao longo da história uma condição de inferioridade. Assim, a imagem construída – de que eram povos inferiores, atrasados e desprovidos de cultura, justamente por associá-los a animais selvagens – se estabeleceu no imaginário do povo brasileiro ao longo da história.

Com o objetivo de identificar e analisar, em conjunto com os estudantes, as diversas formas de representação indígena ao longo da História local e nacional em fontes variadas, este projeto almejou, de maneira geral, respeitar e aplicar a Lei 11.645/2008, visando a valorização e reconhecimento da pluralidade e diversidade étnica, cultural e linguística dos povos originários, mediante a desconstrução de estereótipos presentes em fontes históricas



diversas. Segundo Oliveira (2011, p. 190), “De alguma forma, essas representações podem constituir obstáculos na formação para cidadania, na formação de identidades positivas e no reconhecimento e respeito à memória de diferentes grupos sociais”.

O reconhecimento da história indígena e a análise de sua representação deve estar presente em toda a educação de forma interdisciplinar, contemplada nas diversas ciências, nas humanidades e nas artes. Assim, os demais objetivos incluem a análise e interpretação das representações presentes nas fontes com o intento de compreender o imaginário social e as disputas de poder que culminaram em uma tentativa de obscurecer a diversidade dos povos indígenas, resultando no desconhecimento de sua realidade e pluralidade mesmo nos dias de hoje. Sua importância compreende o conhecimento da construção de um imaginário social a partir dos conteúdos veiculados nas mídias, nos livros didáticos e na literatura, que associam os povos indígenas a uma identidade reduzida, conforme explicitado no excerto de Koeppel, Borges, Lahm (2014, p. 117), “Os textos educacionais descrevem os povos nativos segundo a visão histórica ocidental, reforçando o menosprezo e o racismo. Tanto a mídia analógica como a digital veiculam notícias de massacres, violência e conflito”. Visão que deve ser analisada, debatida e desconstruída para reconhecer os povos originários em sua diversidade e em papéis diversos, em que não somente sejam atrelados a conflito, sofrimento e massacres, mas como construtores, produtores e colaboradores de história, cultura e conhecimentos diversos.

Para a análise da representação indígena, diversos conceitos introdutórios foram empregados a fim de preparar o terreno para aprofundamento posterior do tema. Isso envolveu a introdução de questões contemporâneas relacionadas ao respeito à identidade e ao lugar de fala dos povos indígenas, como "apropriação cultural", "representatividade" e "representação". Recursos didáticos diversos foram utilizados para ampliar as possibilidades de contribuição ao pensamento crítico, incluindo a vivência em uma comunidade indígena local, visitas técnicas a museus e a acervos de pesquisa, proporcionando uma investigação mais aprofundada sobre as representações no que diz respeito às questões étnico-raciais.

A variabilidade de fontes é recurso interessante para pesquisa e maior compreensão das sociedades no decorrer da História, além de auxiliar a didática dentro da sala de aula, conforme apresenta Barros (2020, p. 5-6) sobre o uso das fontes históricas:



[...]os historiadores não possuem outro visor do tempo que não sejam as próprias fontes históricas com as quais já estão acostumados a lidar desde os primórdios da historiografia. Para olhar para o passado e apreendê-lo de alguma forma – mas, sobretudo, para compreendê-lo por dentro, permitindo-nos fazer interpretações adequadas sobre as relações humanas e sociais – precisamos analisar atentamente os vestígios e tudo o mais que este passado nos deixou. Estes vestígios, evidências, textos escritos e objetos materiais – capazes tanto de registrar rupturas do passado em relação ao presente, como de manifestar continuidades entre as duas temporalidades sob formas as mais diversas – são as chamadas “fontes históricas”.

Em síntese, o estudo da representação indígena perpassa uma trajetória histórica que se inicia antes da colonização, abrangendo pinturas rupestres, artefatos arqueológicos e os embates entre os diversos povos indígenas durante a chegada dos europeus, as transformações culturais e políticas, a formação do Brasil e da identidade nacional, e a expansão da fundação das cidades no interior dos Estados. Esta pesquisa, além da perspectiva nacional, incorpora abordagens sobre a História local e a fundação da cidade de Bauru (SP), analisando as consequências da tomada dos territórios indígenas e o subsequente conflito para o desenvolvimento das cidades circunvizinhas, bem como a construção da representação dos povos originários nas fontes locais.

## **METODOLOGIA**

Por meio do Programa Residência Pedagógica, as atividades foram desenvolvidas na EMEF NER - Núcleo de Ensino Renovado Lydia Alexandrina Nava Cury, em Bauru (SP), entre dezembro de 2022 a novembro de 2023, com a turma do 8º ano B, sob responsabilidade do Professor preceptor Cesar de Souza Mesquita e da Professora orientadora Lourdes M. G. Conde Feitosa.

A primeira aula ocorreu para apresentação da residente, do professor e estudantes, além de introduzir o tema do projeto. Para tanto, foi realizada, em dezembro de 2022, uma atividade introdutória de *brainstorm* com perguntas à turma sobre o que entendiam por povos indígenas, sua cultura, origem, moradia, visão na sociedade, sendo as respostas escritas à lousa. Em seguida, foi veiculado o videoclipe *Aguyjevete*, da artista indígena Katú Mirim. Após a atividade e o videoclipe, houve diálogo com a sala sobre os levantamentos realizados, as percepções sobre o videoclipe e a artista, qual a visão que se tem dos povos indígenas no tempo, nos espaços e meios de comunicação. Como complemento à atividade, foi solicitada atividade de pesquisa sobre os povos indígenas na atualidade, a ser entregue de forma impressa ou escrita à mão na semana seguinte, para análise e planejamento das demais



atividades.

O retorno às atividades ocorreu em março de 2023, com aulas planejadas para engajar os estudantes na compreensão da identidade indígena e sua representação histórica. Promoveu-se discussões em sala, revisitando aspectos sobre os povos originários, sua diversidade cultural e linguística, e como são representados nas leis, na educação e nos meios de comunicação. Por meio do uso de imagens, apresentações de slides e o videoclipe "Meu Sangue é Vermelho", do artista indígena Owerá, buscou-se fomentar a discussão sobre as impressões dos alunos e sua relação com o conteúdo da aula.

As iconografias utilizadas para análise das representações indígenas em livros didáticos foram selecionadas a partir das obras de Victor Meirelles, "*A Primeira Missa*", de 1861; de Oscar Pereira da Silva, "*Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500*", de 1900; de Jean-Baptiste Debret, "*Índios soldados da província de Curitiba escoltando prisioneiros nativos*", de 1834; e de Theodore de Bry a partir dos relatos de Hans Staden, "*Refeições de antropófagos: Canibais da América do Sul*", do século XVI. As discussões e problematizações foram incentivadas a partir do levantamento sobre os artistas, o contexto de criação das obras e qual o imaginário predominantemente europeu sobre os povos indígenas durante o período de elaboração das obras. Seguindo Oliveira (2011, p. 18) "Também é necessário considerar as relações que os discursos mantêm com a memória e remetê-los à sua formação discursiva para compreender o processo de construção de sentidos"; a análise e interpretação das obras permitiu perscrutar os discursos e narrativas do passado a partir da visão eurocêntrica, que foram perpetuados nos livros didáticos sob um viés positivista e ausente de questionamentos sobre a realidade dos povos originários.

Para abordar questões mais complexas sobre os povos indígenas até os dias atuais, as aulas subsequentes exploraram os conceitos de "apropriação cultural", "representatividade" e "representação indígena" através de textos e imagens, complementada ao final com um debate sobre apropriação cultural.

Com o intuito de aprofundar os conceitos e conectar os conteúdos à realidade dos estudantes, atividades sobre História Local foram desenvolvidas nas aulas subsequentes, com a inclusão de uma palestra sobre os jornais *O BAURÚ*, de 1911-1912, e *O Estado de S. Paulo*, de 1916, quanto à suas representações das etnias Kaingang, Oti e Guarani, juntamente com o desenvolvimento das cidades desde meados de 1850 até os anos de 1920. A criação da Reserva Indígena Araribá e a chegada dos povos *Terena* à região após os anos de 1930



também foram discutidas. Para compreender a representação dos povos indígenas na sociedade da época, as leis brasileiras das Constituições de 1824 e 1891 foram contextualizadas e comparadas à Constituição de 1988, destacando como abordavam e garantiam os direitos dos povos indígenas.

De maneira a fortalecer a compreensão, foram realizadas duas visitas técnicas no mês de abril, uma até a Reserva Indígena Araribá, na Comunidade Tereguá, em Avaí (SP), e outra até o Núcleo de Pesquisa e História – NUPHIS, do Unisagrado, em Bauru (SP).

Na Comunidade Tereguá, através da vivência com o povo *Terena* e *Guarani*, os estudantes puderam ter contato com as culturas, brincadeiras, danças sagradas do Grupo Tape Porã, cosmovisão, benção do Pajé e realidade do ambiente, além de discutidas as dificuldades e realidade dos povos indígenas na atualidade. A vivência em uma comunidade indígena proporciona a aproximação dos estudantes com a realidade indígena local, desconstruindo conceitos e compreendendo as diferenças e similaridades das construções culturais, conforme detalha Baniwa (2006, p. 50-51):

A interculturalidade é uma prática de vida que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre culturas e identidades. Sua base é o diálogo entre diferentes, que se faz presente por meio de diversas linguagens e expressões culturais, visando à superação da intolerância e da violência entre indivíduos e grupos sociais culturalmente distintos.

Durante a visita técnica ao NUPHIS, os alunos foram imersos no ambiente de pesquisa científica e acervo histórico. Utilizando o periódico *O BAURÚ* da década de 1910, os estudantes conduziram uma atividade prática de pesquisa focada na representação dos povos originários na região, conforme documentado no jornal.

Os demais meses foram direcionados ao estudo dos povos indígenas locais Kaingang, Oti e Guarani Nhandewa, suas histórias, cultura, cosmovisão e realidade a partir da chegada dos colonizadores não indígenas até a atualidade. Para tanto, foram utilizados livros sobre história local, vídeos e documentários com relatos dos povos nativos.

O final do projeto compreendeu uma exposição elaborada pelos próprios estudantes com a utilização de maquetes e cartazes sobre os povos indígenas locais, em que puderam dialogar com toda a comunidade escolar sobre a história e desafios das comunidades indígenas para valorização de sua memória e contribuição histórica.



## **RESULTADOS**

Os resultados indicam que, a partir dos temas abordados, tornou-se evidente nas primeiras aulas que muitos estudantes, mesmo possuindo algum conhecimento prévio sobre os povos originários, ainda estavam vinculados à concepção do indígena no passado, enquadrado em uma cultura e história homogênea, com escassas possibilidades além de sua tradição cultural. A atividade de brainstorming revelou esse imaginário, que limitava a percepção das questões indígenas apenas a referências de alimentos tradicionais, pesca, caça, florestas e folclore.

Os conceitos de "apropriação cultural", "representatividade" e "representação indígena", aliados aos vídeos, textos e imagens apresentados, desempenharam um papel crucial na desconstrução do estereótipo dos indígenas. Esta abordagem revelou-se essencial para o entendimento da História local, das leis brasileiras e para o reconhecimento dos povos indígenas como diversos e detentores de direitos. As visitas técnicas permitiram aos estudantes prosseguir com o processo de desconstrução, vivenciando efetivamente e entrando em contato com a realidade dos povos indígenas locais, bem como com diversas formas de representá-los na sociedade, desde os periódicos de 1910 até os dias atuais.

Ao explorar os periódicos e as Constituições brasileiras, ficou nítida a surpresa dos estudantes ao constatar como as leis, em determinados períodos, não reconheciam todos como cidadãos e brasileiros. Isso incluía não apenas os povos indígenas, mas também negros, mulheres, pobres e analfabetos, que sequer tinham direito ao voto. A contribuição para o estudo da História por meio dos periódicos também se manifestou na percepção dos estudantes em relação às diferenças nas perspectivas da sociedade, na ortografia e nos anúncios, especialmente no que diz respeito às questões relacionadas às minorias. Diversas observações ocorreram sobre como a sociedade lidava com diferentes problemáticas, destacando-se a visão sobre os indígenas como selvagens em sua própria terra, destinados a serem expulsos para dar lugar aos empreendimentos dos não indígenas, como evidenciado nos periódicos locais de meados de 1910.

As últimas atividades a partir da História Local, vídeos e documentários sobre os povos nativos para conhecimento da história dos Kiangang, Oti e Guarani Nhandewa, proporcionaram um novo olhar sobre a história de Bauru e região. Os estudantes apontaram a preocupação em não visualizar a história desses povos pelos espaços da cidade, restritas aos



museus e alguns nomes de ruas. Com a finalização do projeto, em que a classe pode realizar a exposição sobre a realidade indígena local e nacional, os resultados após um ano de trabalho incluem a desconstrução dos estereótipos sobre os povos originários, a preocupação em tornar de conhecimento de todos a realidade da história indígena ao longo do tempo até a atualidade. O conhecimento da história indígena e suas formas de representação contribuiu para a formação da cidadania e para o reconhecimento de sua pluralidade e diversidade étnica, cultural e linguística, sendo constituinte da história e formação brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da História, sobretudo da história local, ganhou força neste projeto, que através da variabilidade de fontes e ferramentas metodológicas, tem possibilitado aos estudantes uma diversidade nas formas de apreender, discutir e elaborar argumentos para a desconstrução do estereótipo sobre os povos indígenas.

A diversidade, relevante nas discussões realizadas, contribui para uma educação decolonial e antirracista, também preocupada em fomentar espaços para o debate e estímulo ao pensamento crítico, nos quais os estudantes façam parte das atividades com liberdade para discussão. Além disso, a didática através da escuta e empatia, estreitam os laços entre a residente e os estudantes e tornam a educação mais humana e natural, sendo essenciais para que o processo educativo ultrapasse a sensação de obrigatoriedade e as tradicionalidades da lousa e giz, incentivando o conhecimento e a busca da criticidade nos mais diversos espaços e fontes.

A desconstrução dos estereótipos sobre os povos indígenas e a análise crítica das fontes históricas a partir da ótica europeia e não indígena foi cumprida, fazendo-se respeitar a Lei 11.645/2008 na investigação e busca da visão da história pelos povos originários para valorização de memória e contribuição na história, cultura e identidade nacional.

## REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 978-85-60731-16-9. 232 p. – (Coleção Educação para Todos; 12). Disponível em:





<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154565>. Acesso em: 21 set. 2023.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Revista Cadernos do Tempo Presente**, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/15006>. Acesso em: 05 maio de 2023.

BRASIL. Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CORREIA, Sílvia B; MAIA, Luciana M. Representações sociais do "ser indígena": uma análise a partir do não indígena. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, 2021 v. 41, e221380, 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/K38kDH3X6NYC5Ywh3bpg6tP/?lang=pt>. Acesso em: 04 maio de 2023.

KOEPPE, Cleise Helen Botelho; BORGES, Regina Maria Rabello; LAHM, Regis Alexandre. O ENSINO DE CIÊNCIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE RECONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ESCOLARES SOBRE OS POVOS INDÍGENAS. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, Belo Horizonte , v. 16, n. 1, p. 115-130, abr. 2014. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-21172014000100115&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172014000100115&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 29 set. 2023.

OLIVEIRA, S. R. Representações das sociedades indígenas nas fontes históricas coloniais: propostas para o ensino de história. **Anos 90, [S. l.]**, v. 18, n. 34, 2011. DOI: 10.22456/1983-201X.23838. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/23838>. Acesso em: 03 maio. 2023.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo financiamento deste trabalho, que aproxima o estudante de graduação da sala de aula, ao Unisagrado, à EMEF NER, todo seu corpo profissional e aos estudantes, aos professores, à Comunidade Tereguá e ao NUPHIS.